

The background is a solid teal color. There are several thick, hand-drawn yellow lines that create abstract shapes, resembling a stylized mountain range or a jagged horizon line. One line starts at the top left, goes down and right, then up and right, then down and right. Another line starts at the top left, goes down and right, then up and right, then down and right. A third line starts at the bottom left, goes up and right, then down and right, then up and right.

EU TENHO  
UM NOME

CHANEL  
MILLER



**EU TENHO  
UM NOME**

EU TENHO  
UM NOME

CHANEL  
MILLER

tradução de Carolina Selvatici



Copyright © 2019 by Chanel Miller  
Publicado mediante acordo com a Viking, um selo da Penguin Random House.

TÍTULO ORIGINAL  
Know My Name

PREPARAÇÃO  
Marcela Ramos  
Nina Lopes

REVISÃO  
Cristiane Pacanowski | Pipa Conteúdos Editoriais  
Agatha Machado

DIAGRAMAÇÃO  
Carolina Araújo | Ilustrarte Design

DESIGN DE CAPA  
Jason Ramirez e Nayon Cho

ADAPTAÇÃO DE CAPA  
Julio Moreira | Equatorium Design

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M592e

Miller, Chanel, 1992-

Eu tenho um nome / Chanel Miller ; tradução Carolina Selvatici. -  
1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2020.  
336 p. ; 23 cm.

Tradução de: Know my name  
ISBN 978-85-510-0603-0

1. Miller, Chanel. 2. Vítimas de estupro - Estados Unidos - Biografia. 3.  
Mulheres - Crimes contra - Califórnia. 4. Estudantes universitárias - Califórnia.  
I. Selvatici, Carolina. II. Título.

20-63470

CDD: 920.93641532

CDU: 929:343.541-058.57

Leandra Felix da Cruz Candido - Bibliotecária - CRB-7/6135

[2021]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

# DECLARAÇÃO DE IMPACTO DA VÍTIMA EMILY DOE

PUBLICADA POR KATIE J.M. BAKER  
NO BUZZFEED NEWS EM 3 DE JUNHO DE 2016 COMO  
“AQUI ESTÁ A CARTA PODEROSA QUE A VÍTIMA  
DE STANFORD LEU PARA SEU AGRESSOR”

Meritíssimo, caso não haja problema, na maior parte desta declaração eu quero me dirigir diretamente ao acusado.

Você não me conhece, mas já estive dentro de mim, e é por isso que estamos aqui hoje.

Dezessete de janeiro de 2015 foi uma noite de sábado tranquila em casa. Meu pai fez o jantar, e eu me sentei à mesa com minha irmã mais nova, que estava passando o fim de semana conosco. Eu trabalhava em tempo integral e estava quase na minha hora de dormir. Planejava ficar em casa sozinha, assistir a um pouco de TV e ler, enquanto ela ia a uma festa com as amigas. Mas me dei conta de que era minha única noite com ela, não tinha nada melhor para fazer, então por que não, tem uma festa idiota a dez minutos de casa, eu iria, dançaria feito boba e envergonharia minha irmã mais nova. No caminho, brinquei que os alunos

deviam usar aparelho nos dentes. Minha irmã zombou de mim por ir de cardigã bege, parecendo uma bibliotecária, à festa de uma fraternidade. Falei que eu era a “mãezona” porque sabia que seria a mais velha lá. Fiz caretas, baixei a guarda e bebi rápido demais, sem pensar que minha tolerância ao álcool havia reduzido muito desde a faculdade.

A próxima coisa de que me lembro é de estar em uma maca em um corredor. Tinha sangue seco e curativos nas costas das minhas mãos e nos meus cotovelos. Achei que talvez tivesse caído e ido parar na enfermaria do campus. Estava muito calma e imaginando onde minha irmã tinha ido parar. Um policial me explicou que eu havia sido assediada. Ainda assim, mantive a calma e tive certeza de que ele estava falando com a pessoa errada. Eu não conhecia ninguém naquela festa. Quando finalmente pude usar o banheiro, baixei a calça do hospital que tinham me dado, tentei baixar a calcinha e ela não estava lá. Ainda me lembro da sensação de tocar minha pele, sem encontrar nenhuma peça de roupa. Olhei para baixo e não havia nada. O pedaço fino de tecido, a única coisa que separava minha vagina de todo o resto, tinha desaparecido, e tudo dentro de mim se silenciou. Ainda não sei descrever aquela sensação. Para continuar respirando, concluí que talvez os policiais a tivessem cortado para recolher como prova.

Então senti as folhas de pinheiro pinicando minha nuca e comecei a tirá-las do cabelo. Achei que tivessem caído de uma árvore em minha cabeça. Meu cérebro estava convencendo minhas entranhas a não se contorcerem. Porque elas diziam: socorro, socorro.

Andei de sala em sala enrolada em um cobertor, deixando um rastro de folhas de pinheiro, um montinho em cada lugar em que parei. Pediram que eu assinasse papéis com os dizeres “Vítima de estupro”, e então achei que algo realmente havia acontecido. Minhas roupas foram confiscadas e eu fiquei nua, parada, enquanto enfermeiras encostavam uma régua nas diversas fricções

em meu corpo e as fotografavam. Nós três escovamos meu cabelo para tirar as folhas de pinheiro, seis mãos para encher um saco de papel. Para me acalmar, elas disseram que era apenas a flora e a fauna, a flora e a fauna. Vários cotonetes foram inseridos em minha vagina e em meu ânus, agulhas para remédios, pílulas, uma Nikon foi apontada para o meio das minhas pernas abertas. Bicos longos e pontudos foram inseridos em mim, e minha vagina foi coberta com uma tinta azul e fria para que pudessem procurar feridas.

Depois de algumas horas disso, elas me deixaram tomar banho. Fiquei ali parada, examinando meu corpo sob um jato de água, e decidi: Não quero mais meu corpo. Estava com medo dele, não sabia o que havia entrado ali, se ele tinha sido contaminado, quem o havia tocado. Eu queria tirar meu corpo como se fosse uma jaqueta e deixá-lo no hospital com todo o resto.

Naquela manhã, eu soube apenas que fui encontrada atrás de uma lixeira, com grandes chances de ter sido penetrada por um estranho, e que deveria refazer o teste de HIV porque o resultado nem sempre aparece imediatamente. Mas, no momento, deveria ir para casa e voltar à minha vida normal. Imagine ser devolvida ao mundo com apenas essa informação. Elas me deram abraços fortes, e eu saí do hospital para o estacionamento usando a blusa e a calça de moletom novas que tinham fornecido, já que só pude manter meu colar e meus sapatos.

Minha irmã me buscou, o rosto molhado de lágrimas e contorcido de angústia. Por instinto, na hora, quis arrancar a dor dela. Sorri, pedi que olhasse para mim, estou bem aqui, estou bem, está tudo bem, estou bem aqui. Meu cabelo está lavado e limpo, me deram um xampu muito estranho, calma, olhe para mim. Olhe para minha calça e blusa de moletom novas, como são estranhas, eu pareço uma professora de educação física. Vamos para casa, vamos comer alguma coisa. Ela não sabia que, sob o moletom, eu tinha arranhões e curativos na

pele, minha vagina estava dolorida e com uma cor estranha e escura por causa dos exames, minha calcinha havia desaparecido e eu me sentia vazia demais para continuar falando. E eu também estava com medo, também estava arrasada. Naquele dia, fomos para casa e, durante horas, em silêncio, minha irmã mais nova me abraçou.

Meu namorado não sabia o que tinha acontecido, mas me ligou naquele dia e perguntou: “Fiquei muito preocupado com você ontem à noite. Você me assustou. Chegou bem em casa?” Fiquei horrorizada. Foi então que eu soube que havia ligado para ele à noite, deixando um recado incompreensível, que tínhamos conversado pelo celular, mas minha fala estava tão enrolada que ele ficou com medo por mim, pediu várias vezes que eu fosse procurar minha irmã. Mais uma vez, ele me perguntou: “O que aconteceu ontem à noite? Você chegou bem em casa?” Falei que sim e desliguei para chorar.

Não estava pronta para contar a ele nem aos meus pais que eu havia sido estuprada atrás de uma lixeira e não sabia por quem, quando nem como. Se contasse, veria o medo no rosto deles e o meu se multiplicaria dez vezes, então fingi que nada daquilo era real.

Tentei esquecer, mas era algo tão pesado que eu não falava, não comia, não dormia, não interagia com ninguém. Depois do trabalho, eu dirigia até um lugar isolado para gritar. Não falava, não comia, não dormia, não interagia com ninguém e me afastei das pessoas que mais amo. Por mais de uma semana após o incidente, ninguém me ligou nem recebi nenhuma informação sobre aquela noite ou sobre o que tinha acontecido comigo. O único sinal de que não havia sido apenas um pesadelo era o moletom do hospital na minha gaveta.

Um dia, eu estava no trabalho, olhando as notícias no celular, e encontrei uma matéria, na qual soube pela primeira vez que

eu fora encontrada inconsciente, com o cabelo emaranhado, um colar comprido enrolado no pescoço, o sutiã para fora do vestido, o vestido pendendo nos ombros e erguido até a cintura. Eu estava nua até as botas, as pernas abertas, e tinha sido penetrada com um objeto estranho por uma pessoa que eu não reconhecia. Foi assim que eu soube o que havia acontecido comigo, sentada à minha mesa, lendo as notícias no trabalho. Soube o que tinha acontecido comigo ao mesmo tempo que todos no mundo souberam o que havia acontecido comigo. Foi então que as folhas de pinheiro no cabelo fizeram sentido; elas não haviam caído de uma árvore. Ele tinha tirado minha calcinha, seus dedos haviam entrado em mim. Nem conheço essa pessoa. Continuo sem conhecer. Quando li sobre mim dessa forma, falei: Não pode ser eu, não pode ser eu. Eu não conseguia digerir nem aceitar nenhuma daquelas informações. Não imaginava minha família tendo que ler sobre isso na internet. Continuei lendo. No parágrafo seguinte, li algo que nunca vou perdoar: segundo ele, eu gostei. Eu gostei. Mais uma vez, não sei descrever o que senti.

É como se lêssemos uma matéria sobre um carro que foi atingido e encontrado amassado em uma vala. Mas talvez o carro tenha gostado da batida. Talvez o outro carro não quisesse bater nele, só dar uma encostadinha de leve. Carros se envolvem em acidentes o tempo todo, as pessoas nem sempre prestam atenção, será que podemos mesmo afirmar de quem é a culpa?

Então, no fim da matéria, depois que descobri os detalhes minuciosos do meu próprio estupro, havia uma lista dos recordes dele na natação. Ela foi encontrada respirando, inconsciente, em posição fetal, com a calcinha a quinze centímetros de distância da barriga nua. A propósito, ele é um ótimo nadador. Se é assim, então falem do tempo que levo para correr um quilômetro. Sou boa cozinheira, coloquem isso aí também. Acho que o fim é quando listamos nossas atividades extracurriculares para cancelar todas as coisas horríveis que aconteceram.

Na noite em que a notícia saiu, eu me sentei com meus pais e contei que tinha sido abusada sexualmente; pedi que não lessem o jornal porque iam ficar chateados, mas saibam que estou bem, estou bem aqui e estou bem. Porém, no meio da história, minha mãe teve que me segurar porque eu não conseguia mais ficar de pé.

Na noite em que tudo aconteceu, ele disse que não sabia meu nome, disse que não conseguiria me identificar em meio a outras, não mencionou nenhum diálogo entre nós, nenhuma palavra, apenas que dançamos e nos beijamos. Dançar é um termo bonitinho: será que estalamos os dedos e demos voltinhas ou éramos apenas corpos se esfregando um no outro em uma sala lotada? Ou será que os beijos foram apenas rostos pressionados desajeitadamente um no outro? Quando o detetive perguntou se ele havia planejado me levar para o alojamento, ele disse que não. Quando o detetive perguntou como tínhamos ido parar atrás da lixeira, ele disse que não sabia. Admitiu ter beijado outras meninas na festa, uma delas minha própria irmã, que o empurrou para longe. Ele admitiu querer transar com alguém. Eu era o antílope ferido do rebanho, totalmente sozinha e vulnerável, fisicamente incapaz de me defender, e ele me escolheu. Às vezes pensava: Se eu não tivesse ido, nada disso teria acontecido. Depois percebi que teria acontecido, sim, mas com outra pessoa. Você teria pela frente quatro anos de acesso a meninas bêbadas e festas e, se foi desse jeito que começou, foi bom não ter continuado. Na noite em que isso aconteceu, ele disse que achou que eu estava gostando porque eu havia esfregado as costas dele. Um carinho nas costas.

Ele nunca mencionou que eu consenti, nunca nem mencionou que conversamos, um carinho nas costas. Mais uma vez, por meio do jornal, eu soube que minha bunda e minha vagina tinham ficado totalmente expostas ao ar livre, meus seios haviam sido agarrados, dedos, enfiados em mim com folhas de pinheiro e sujeira, minha pele nua e minha cabeça esfregadas no chão atrás

de uma lixeira, enquanto um calouro ereto se roçava em meu corpo seminu e inconsciente. Mas eu não lembro, então como provo que não gostei?

Achei que não era possível que isso fosse a julgamento: havia testemunhas, havia sujeira em meu corpo, ele fugiu, mas foi pego. Ele faria um acordo, pediria desculpas formais e nós dois seguiríamos a vida. Então eu soube que ele tinha contratado um advogado famoso, especialistas para testemunhar, detetives particulares que iam vasculhar detalhes da minha vida pessoal para usar contra mim, descobrir furos em minha história para invalidar a mim e à minha irmã, para mostrar que aquele abuso sexual era, na verdade, um mal-entendido. Que ele ia fazer de tudo para convencer o mundo de que simplesmente havia se confundido.

Não só fiquei sabendo que tinha sido estuprada, como fiquei sabendo porque não conseguia lembrar, e tecnicamente não podia provar que não queria aquilo. E aquilo me distorceu, me danificou, quase me destruiu. É o tipo mais triste de confusão descobrir que sofri abuso e quase fui estuprada, descaradamente, ao ar livre, mas ainda não saber se isso pode ser considerado agressão. Tive que lutar por um ano inteiro para deixar claro que havia algo de errado nessa situação.

Quando me disseram que eu me preparasse para o caso de não ganharmos, falei: Não tenho como me preparar para isso. Ele era culpado desde o instante em que acordei. Ninguém pode me convencer a esquecer o sofrimento que ele me causou. Para piorar, fui avisada: agora que ele sabe que você não lembra, vai reescrever o roteiro da cena. Ele pode dizer o que quiser e ninguém vai poder contestar. Eu não tinha força nenhuma, não tinha voz, estava indefesa. Minha perda de memória seria usada contra mim. Meu depoimento foi fraco, incompleto, e fui levada a acreditar que talvez eu não bastasse para ganhar. O advogado dele constantemente lembrava ao júri: Só podemos acreditar em Brock, porque ela não lembra. Essa impotência foi traumatizante.

Em vez de me dedicar a minha cura, eu me dedicava a lembrar aquela noite em detalhes excruciantes, para me preparar para as perguntas do advogado, que, aliás, seriam invasivas, agressivas e criadas para me tirar do caminho certo, me levar à contradição, assim como minha irmã, elaboradas para manipular minhas respostas. Em vez de dizer: Você notou algum machucado?, o advogado perguntou: Você não notou nenhum machucado, certo? Era um jogo de estratégia, como se eu pudesse ser ludibriada a perder meu valor. O abuso sexual tinha sido muito claro, mas lá estava eu no julgamento, respondendo a perguntas como:

*Quantos anos você tem? Quanto você pesa? O que você comeu naquele dia? Bom, o que você comeu no jantar? Quem preparou o jantar? Você bebeu alguma coisa no jantar? Não, nem água? Quando você bebeu? Quanto você bebeu? De que recipiente bebeu? Quem lhe deu a bebida? Quanto você costuma beber? Quem deixou você na festa? A que horas? Mas onde exatamente? Que roupa estava usando? Por que foi àquela festa? O que fez quando chegou lá? Tem certeza de que fez isso? Mas a que horas fez isso? O que essa mensagem significa? Para quem mandou a mensagem? Quando você urinou? Onde você urinou? Com quem você urinou do lado de fora? Seu celular estava no silencioso quando sua irmã ligou? Você se lembra de silenciá-lo? É mesmo, porque na página 53, gostaria de indicar que você disse que tinha posto para tocar. Você bebia na faculdade? Diria que era a alma da festa? Quantas vezes já bebeu até apagar? Você ia a festas em fraternidades? O relacionamento com seu namorado é sério? Você mantém relações sexuais com ele? Quando começaram a namorar? Você o traiu? Já traiu alguém? A que estava se referindo quando disse que queria recompensá-lo? Você se lembra de que horas acordou? Estava usando o cardigã? De que cor era? Você se lembra de mais alguma coisa sobre aquela noite? Não? Tudo bem, então, vamos deixar Brock explicar como foi.*

Fui agredida com perguntas focadas, diretas, que dissecaram minha vida pessoal, minha vida amorosa, minha vida passada, minha vida familiar, perguntas sem nexos que reuniam detalhes triviais para tentar achar uma desculpa para o cara que havia me deixado seminua antes mesmo de se dar ao trabalho de perguntar

meu nome. Depois de um abuso físico, eu estava sendo agredida com perguntas formuladas para me atacar, para dizer: Viram, os fatos que ela descreve não batem, ela está louca, é quase uma alcoólatra, provavelmente queria transar com alguém, ele é quase um atleta, os dois estavam bêbados, deixem para lá, a história do hospital de que ela se lembra aconteceu depois, por que levar isso em consideração, Brock corre o risco de perder muita coisa, então está passando por uma fase muito difícil.

Até que chegou a hora do depoimento dele, e eu aprendi o que significava ser revitimizada. Quero lembrar a vocês: na noite em que tudo aconteceu, ele disse que nunca havia planejado me levar para o alojamento. Disse que não sabia por que estávamos atrás de uma lixeira. Tinha se levantado para ir embora porque não estava se sentindo bem, mas de repente foi perseguido e atacado. Depois de dizer isso, ele ficou sabendo que eu não me lembrava.

Por isso, um ano depois, como previsto, um novo diálogo surgiu. Brock tinha uma história nova estranha, que quase soava como um romance jovem adulto mal escrito, com beijos, dança, mãos dadas e uma queda romântica no chão. E o mais importante da nova história: de repente houvera consentimento. Um ano depois do caso, ele lembrou: Ah, é, falando nisso, ela na verdade disse sim para tudo.

Ele contou que havia perguntado se eu queria dançar. Aparentemente, eu disse sim. Perguntara se eu queria ir para o alojamento dele, e eu disse sim. Então ele tinha perguntado se podia me dedar, e eu disse sim. A maioria dos caras não pergunta: Posso dedar você? Normalmente é uma progressão natural das coisas, que acontecem de forma consensual, não um questionário. Mas, aparentemente, eu dei permissão total. Brock se safou. Mesmo na história dele, eu falara três palavras no total, sim sim sim, antes de ele me deixar se-minua no chão. Para referência futura, se estiver em dúvida se uma garota tem capacidade de consentir, veja se ela consegue elaborar uma frase inteira. Nem isso você fez. Basta um fluxo coerente de

palavras. Se ela não conseguir, então não. Não é talvez, é não. Onde estava a dúvida? Isso é senso comum, decência humana.

De acordo com ele, só estávamos no chão porque eu caí. Lembre-se: se uma menina cair, ajude-a a se levantar. Se ela estiver bêbada demais e cair, não suba nela, não roce nela, não tire a calcinha e insira sua mão na vagina dela. Se uma garota cair, ajude-a a se levantar. Se ela estiver usando um cardigã sobre o vestido, não o tire para tocar nos seios dela. Talvez ela esteja com frio, talvez tenha sido por isso que saiu de cardigã.

Depois disso, dois suecos de bicicleta se aproximaram e você fugiu. Quando derrubaram você, por que não disse: “Parem! Está tudo bem, vão perguntar a ela, ela está bem ali, ela mesmo vai dizer.” Afinal, você tinha meu consentimento, não tinha? Eu estava acordada, não estava? Quando o policial chegou e conversou com o sueco mau que derrubou você, ele chorava tanto que não conseguia falar por causa do que tinha visto.

Seu advogado lembrou várias vezes: Bom, não sabemos exatamente quando ela perdeu a consciência. E você está certo, talvez eu ainda estivesse piscando e não totalmente mole. Essa nunca foi a questão. Eu estava bêbada demais para falar, bêbada demais para consentir muito antes de ir parar no chão. Para início de conversa, eu nunca deveria ter sido tocada. Brock declarou: “Em momento algum, percebi que ela não estava se mexendo. Se, em qualquer momento, tivesse percebido que ela não estava se mexendo, eu teria parado na hora.” O problema é o seguinte: se seu plano era parar só quando eu parasse de me mexer, é porque você ainda não entendeu. De qualquer maneira, você nem ao menos parou quando eu estava inconsciente! Alguém interrompeu você. Dois caras de bicicleta notaram, no escuro, que eu não estava me mexendo e tiveram que lhe derrubar. Como você, que estava em cima de mim, não notou?

Você disse que teria parado e pedido ajuda. Você disse isso, mas quero que explique como teria me ajudado, passo a passo, me

conte como seria. Quero saber, se os suecos maus não tivessem me achado, como a noite teria sido. Estou lhe perguntando: Você teria vestido minha calcinha de volta? Desenroscado o colar no meu pescoço? Fechado minhas pernas, me coberto? Tirado as folhas de pinheiro do meu cabelo? Perguntado se os hematomas em meu pescoço e bumbum estavam doendo? Então você teria procurado um amigo e dito: Pode me ajudar a levá-la para um lugar quente e confortável? Não durmo quando penso no que poderia ter ocorrido se os dois caras não tivessem surgido. O que teria acontecido comigo? É para essa pergunta que você nunca vai ter uma boa resposta, é isso que você não consegue explicar, mesmo depois de um ano.

Além de tudo, ele afirmou que eu tive um orgasmo depois de um minuto de penetração digital. A enfermeira disse que havia abrasões, lacerações e sujeira em minha genitália. Isso foi antes ou depois de eu gozar?

Sentar-se sob juramento e informar a todos nós que, sim, eu queria, sim, eu permiti, e que você foi a verdadeira vítima atacada pelos suecos por motivos desconhecidos é absurdo, louco, egoísta e prejudicial. Não basta eu estar sofrendo. Também tenho que enfrentar alguém trabalhando sem parar para diminuir a seriedade da validade desse sofrimento.

Minha família teve que ver fotos da minha cabeça em uma maca cheia de folhas de pinheiro, do meu corpo na terra de olhos fechados, o cabelo despenteado, as pernas dobradas e o vestido levantado. E então minha família ainda teve que ouvir seu advogado dizer que as fotos foram tiradas depois do ato, portanto podiam ser dispensadas. Dizer: Sim, a enfermeira confirmou que havia vermelhidão e feridas dentro dela, trauma grave na genitália, mas é o que acontece quando uma pessoa leva uma dedada, e ele já admitiu ter feito isso. Ouvir seu advogado tentar me retratar como uma menina desvairada e inconsequente, como se, de alguma forma, eu estivesse passando por isso por merecer.

Ouvi-lo dizer que eu soava bêbada ao celular porque sou boba e é meu jeito engraçado de falar. Indicar que, na caixa postal, falei que ia recompensar meu namorado e todos sabíamos o que eu estava pensando. Garanto que, em meu programa de recompensas, os pontos não são transferíveis, muito menos para qualquer homem, sem nome, que se aproxima de mim.

Ele causou um dano irreversível a mim e a minha família durante o julgamento, e nós ficamos sentados em silêncio, ouvindo-o moldar aquela noite. Mas, no fim, as declarações sem provas e a lógica distorcida do advogado dele não enganaram ninguém. A verdade venceu, a verdade falou por si mesma.

Você é culpado. Doze jurados condenaram você em três acusações, sem sombra de dúvida. São doze votos por acusação, trinta e seis sins confirmando sua culpa. Cem por cento de culpa, unanimidade. E eu pensei: Finalmente acabou, finalmente ele vai confessar o que fez, pedir desculpas de verdade, e nós dois vamos seguir a vida e melhorar. Então eu li sua declaração.

Se você está torcendo para que um dos meus órgãos exploda de raiva e eu morra, estou quase lá. Você está quase conseguindo. Esta não é mais uma história de sexo universitário embriagado envolvendo decisões irresponsáveis. Abuso sexual não é acidente. De alguma forma, você ainda não entende. De alguma forma, você ainda parece confuso. Agora vou ler partes da declaração do acusado e responder.

**Você disse: Por estar bêbado, não pude tomar boas decisões, nem ela.**

O álcool não é uma desculpa. É um incentivo? É. Mas não foi o álcool que tirou minhas roupas, enfiou os dedos em mim, deixou minha cabeça arrastar pelo chão quando eu estava seminua. Beber demais foi um erro de principiante que admito, mas não é crime. Todos nesta sala já se arrependeram de beber demais em uma noite, ou conhecem alguém próximo que já se arrependeu

de ter bebido demais em uma noite. Arrepende-se de beber demais não é o mesmo que se arrepender de cometer um abuso sexual. Nós dois estávamos bêbados, a diferença é que eu não tirei sua calça nem sua cueca, não toquei em você de maneira inapropriada nem fugi. Essa é a diferença.

**Você disse: Se eu quisesse conhecê-la, deveria ter pedido o telefone dela, não a chamado para ir para o meu quarto.**

Não estou brava porque você não pediu meu telefone. Mesmo se você me conhecesse, eu não ia querer estar nesta situação. Meu namorado me conhece, mas, se ele pedisse para me dedar atrás de uma lixeira, eu daria um tapa nele. Nenhuma garota quer estar nessa situação. Ninguém. Não me importa se você tem o telefone dela ou não.

**Você disse: Fui estúpido ao pensar que não haveria problema fazer o que todo mundo ao meu redor estava fazendo, ou seja, bebendo. Eu estava errado.**

Mais uma vez, seu erro não foi beber. Ninguém ao seu redor estava abusando sexualmente de mim. Seu erro foi fazer o que ninguém mais estava fazendo, ou seja, roçar seu pau ereto dentro da calça em meu corpo nu e indefeso, escondido em uma área escura, onde os convidados da festa não podiam mais me ver nem me proteger e onde minha própria irmã não podia me encontrar. Seu crime não foi tomar Fireball. Tirar minha calcinha e jogá-la longe como se fosse um papel de bala, para depois enfiar os dedos no meu corpo, foi seu erro. Por que ainda estou explicando isso?

**Você disse: Durante o julgamento, não quis vitimizá-la de forma alguma. Foi só meu advogado e a maneira dele de abordar o caso.**

Seu advogado não é seu bode expiatório, ele representa você. Seu advogado falou coisas absurdamente irritantes e degradantes?

Com certeza. Ele disse que você teve uma ereção porque estava frio.

**Você disse que está criando um programa para alunos do ensino médio e da universidade no qual fala sobre sua experiência para “combater a cultura da bebida nos campi universitários e da promiscuidade sexual que a acompanha”.**

A cultura da bebida nos campi. É contra isso que vamos nos posicionar? Acha que foi contra isso que passei o último ano lutando? E não pela conscientização sobre os abusos sexuais e estupros nos campi, ou sobre aprender a reconhecer o consentimento? A cultura da bebida nos campi. Chega de Jack Daniels. Chega de Skyy Vodka. Se você quer falar com pessoas sobre bebidas alcoólicas, vá a uma reunião do AA. Você entende que ter problema com bebida é diferente de beber e depois forçar alguém a fazer sexo? Mostre aos homens como respeitar as mulheres, não como beber menos.

A cultura da bebida e a promiscuidade sexual que a acompanha. Acompanha, como um efeito colateral, feito batatas fritas servidas com o prato principal. Onde é que a promiscuidade afeta esse caso? Não vejo manchetes dizendo: *Brock Turner, culpado de beber demais e da promiscuidade sexual que acompanha isso*. Abuso sexual nos campi. Esse deve ser seu primeiro slide de PowerPoint. Fique tranquilo, se não conseguir explicar bem o tema da sua palestra, depois eu vou a todas as escolas a que você tenha ido para fazer outra apresentação.

**Por fim, você disse: Quero mostrar às pessoas que uma noite de bebedeira pode estragar uma vida.**

Uma vida, a vida, a sua, você se esqueceu da minha. Vou reelaborar a frase para você: Quero mostrar às pessoas que uma noite de bebedeira pode estragar duas vidas. Você e eu. Você é a causa, eu, o efeito. Você me arrastou para este inferno com você, me

afundou de volta naquela noite muitas vezes. Derrubou nossas torres, eu desabei ao mesmo tempo que você. Se acha que fui poupada, que saí dessa ilesa, que hoje saio cavalgando em direção ao pôr do sol, enquanto você sofre o maior baque, está errado. Ninguém ganha. Todos fomos destruídos, todos estamos tentando achar algum significado em todo esse sofrimento. Seus danos foram concretos: você perdeu títulos, diplomas, oportunidades. Meus danos foram internos, invisíveis, eu os carrego comigo. Você roubou meu valor, minha privacidade, minha energia, meu tempo, minha segurança, minha intimidade, minha confiança, minha voz, até hoje.

Sabe, uma coisa que temos em comum é que nós dois não conseguimos nos levantar de manhã. Não desconheço o sofrimento. Você me tornou uma vítima. Nos jornais, meu nome era “mulher embriagada inconsciente”, doze sílabas e nada mais. Por um tempo, acreditei que eu não passava disso. Tive que me forçar a reaprender meu nome verdadeiro, minha identidade. Reaprender que eu não sou isso. Que não sou apenas uma vítima bêbada em uma festa de fraternidade encontrada atrás de uma lixeira, enquanto você é o nadador premiado de uma universidade renomada, inocente até que se prove o contrário, com tanto a perder. Eu sou um ser humano que foi ferido de maneira irreversível, minha vida ficou em suspenso por mais de um ano, esperando que eu percebesse que tenho algum valor.

Minha independência, alegria natural, gentileza e meu estilo de vida tranquilo foram distorcidos até ficarem irreconhecíveis. Eu me fechei, virei uma pessoa raivosa, autodepreciativa, cansada, irritável, vazia. O isolamento, às vezes, era insuportável. Você também não pode me devolver a vida que eu tinha antes daquela noite. Enquanto se preocupava com sua reputação destruída, eu colocava colheres na geladeira toda noite para que, quando acordasse e meus olhos estivessem inchados de tanto chorar, eu pudesse encostá-las nas pálpebras e assim diminuir o inchaço e conseguir enxergar. Eu chegava uma hora atrasada no trabalho

todo dia, pedia licença para ir à escada chorar, posso lhe contar os melhores lugares do prédio para chorar sem que ninguém ouça. A dor se tornou tão ruim que tive que explicar os detalhes particulares para minha chefe, para contar a ela por que ia sair da empresa. Eu precisava de tempo, porque seguir com a rotina era impossível. Gastei todas as minhas economias para ir o mais longe possível. Não voltei a trabalhar porque sabia que teria que tirar semanas de folga para a audiência e o julgamento, que não paravam de ser postergados. Minha vida ficou em suspenso por mais de um ano, minha estrutura tinha desabado.

Não consigo dormir sozinha à noite sem uma luz acesa, feito uma criança de cinco anos, porque tenho pesadelos em que sou tocada e não consigo acordar. Comecei a esperar o sol nascer para me sentir segura o bastante para dormir. Por três meses, fui para a cama às seis da manhã.

Eu costumava me orgulhar da minha independência; hoje tenho medo de caminhar à noite, frequentar eventos em que terá bebida e amigos com os quais eu deveria me sentir à vontade. Eu me tornei um pequeno caramujo, sempre preciso estar ao lado de alguém, ter meu namorado presente, dormindo comigo, me protegendo. Tenho vergonha de como me sinto frágil, da timidez com que sigo minha vida, sempre desconfiada, pronta para me defender, pronta para me irritar.

Você não faz ideia de como tive que me esforçar para reconstruir partes de mim que ainda estão fracas. Levei oito meses para falar sobre o que aconteceu. Não conseguia mais me conectar com amigos, com as pessoas ao meu redor. Eu gritava com meu namorado, com minha família sempre que eles mencionavam o assunto. Você nunca me deixa esquecer o que aconteceu comigo. No fim da audiência, do julgamento, eu ficava cansada demais para falar. Saía daqui exausta, em silêncio. Ia para casa, desligava o celular e ficava dias sem falar. Você comprou para mim uma passagem para um planeta onde moro sozinha. Sempre que saía uma

matéria nova, eu convivía com a paranoia de que minha cidade natal inteira descobriria e passaria a me ver como a menina que foi estuprada. Eu não queria a piedade de ninguém, e ainda estou aprendendo a aceitar que ser vítima é parte da minha identidade. Você tornou minha própria cidade natal um lugar desconfortável para mim.

Você não pode me devolver as noites de insônia. Meus choros descontrolados nas vezes em que assisti a um filme em que uma mulher é ferida. No mínimo, essa experiência ampliou minha empatia por outras vítimas. Perdi peso por causa do estresse e, quando as pessoas comentavam, eu dizia que estava correndo muito nos últimos tempos. Houve momentos em que não quis ser tocada. Tenho que reaprender que não sou frágil, sou capaz, sou completa, não apenas lívida e fraca.

Quando vejo minha irmã mais nova sofrendo, quando ela é incapaz de acompanhar as aulas na faculdade, quando ela é privada de alegria, quando não dorme, quando chora tanto ao telefone que chega a perder o fôlego, me dizendo repetidas vezes que sente muito por ter me deixado sozinha naquela noite, desculpe desculpe desculpe, quando ela sente mais culpa do que você, nesses momentos eu não perdoo você. Naquela noite, eu havia ligado para tentar encontrá-la, mas você me achou primeiro. Os argumentos finais do seu advogado começaram com: “[A irmã dela] disse que ela estava bem e quem a conhece melhor do que a irmã?” Você tentou usar minha própria irmã contra mim? Seus ataques foram tão ruins, tão baixos que foi quase constrangedor. Não toque nela.

Você nunca devia ter feito isso comigo. Além do mais, nunca devia ter me forçado a lutar por tanto tempo para lhe dizer que nunca devia ter feito isso comigo. Mas aqui estamos. O estrago está feito, ninguém pode desfazê-lo. E agora nós dois temos uma escolha. Podemos deixar que isso nos destrua, posso continuar irritada, magoada e você pode continuar negando, ou podemos

enfrentar isso... Eu aceito a dor, você aceita o castigo, e nós seguimos em frente.

Sua vida não acabou, você tem décadas pela frente para reescrever sua história. O mundo é enorme, muito maior do que Palo Alto e Stanford, e você vai criar um espaço para si no qual pode ser útil e feliz. Mas agora você não pode mais dar de ombros e ficar confuso. Não pode fingir que não tinha sinais de que havia algo errado. Você foi condenado por me estuprar intencionalmente, à força, sexualmente, com intenções maliciosas, mas só consegue admitir que consumiu bebidas alcoólicas. Não fale de como sua vida foi tragicamente virada de cabeça para baixo porque o álcool fez você ter atitudes ruins. Descubra um jeito de assumir responsabilidade pela sua própria conduta.

Agora quero falar da sentença. Quando li o relatório da oficial do departamento de custódia, não acreditei, fui consumida por uma raiva que, por fim, se abrandou em uma tristeza profunda. Minhas declarações foram reduzidas a distorções e tiradas de contexto. Lutei muito durante este julgamento e não admito que o resultado seja minimizado por uma oficial que tentou avaliar meu estado atual e meus desejos em uma conversa de quinze minutos, a maioria dos quais foi passada respondendo a dúvidas que eu tinha sobre o sistema judiciário. O contexto também é importante. Brock ainda tinha que fazer uma declaração e eu não havia lido as afirmações dele.

Minha vida ficou suspensa por mais de um ano, um ano de raiva, angústia e incerteza, até um júri de pessoas comuns como eu entregar uma decisão que validava as injustiças que eu havia sofrido. Se Brock tivesse admitido culpa e remorso e oferecido um acordo desde o início, eu teria considerado uma sentença mais leve, respeitado a honestidade dele, grata por podermos seguir com a vida. Mas ele assumiu o risco de ir a julgamento, me insultou ainda mais e me forçou a reviver a dor quando detalhes da minha vida pessoal e do abuso sexual que sofri foram

brutalmente dissecados diante do público. Ele forçou minha família e eu a passarmos por um ano de sofrimento inexplicável e desnecessário, então deveria enfrentar as consequências de ter contestado seu crime, questionado minha dor e nos feito esperar tanto por justiça.

Contei à oficial do departamento de custódia que eu não queria que Brock apodrecesse na cadeia. Não falei que ele não merece ficar atrás das grades. A recomendação da oficial de um ano ou menos no presídio do condado é um tapinha na mão, uma ridicularização da seriedade dos abusos que ele cometeu, um insulto a mim e a todas as mulheres. Dá a entender que um estranho pode entrar em você sem consentimento e vai receber menos do que foi definido como sentença mínima. A condicional deveria ser negada. Eu também disse à oficial que o que eu realmente queria era que Brock entendesse, compreendesse e admitisse seu erro.

Infelizmente, depois de ler a declaração do acusado, fiquei muito decepcionada e sinto que ele deixou de demonstrar arrependimento sincero ou admitir responsabilidade por sua conduta. Tenho pleno respeito pelo direito dele a um julgamento, mas, mesmo depois de doze jurados o condenarem de forma unânime nas três acusações, ele admitiu apenas que consumiu bebidas alcoólicas. Uma pessoa que não consegue assumir plena responsabilidade por suas ações não merece uma sentença menor. É extremamente ofensivo que ele tenha tentado desmerecer um estupro associando-o com “promiscuidade”. Por definição, estupro não é a ausência de promiscuidade, estupro é a ausência de consentimento, e fico profundamente estarecida por ele nem sequer entender essa diferença.

A oficial do departamento de custódia levou em conta que o acusado é jovem e não tem antecedentes criminais. Na minha opinião, ele tem idade suficiente para saber que o que fez foi errado. Neste país, aos dezoito anos, já se pode ir para a guerra.

Aos dezenove, a pessoa é adulta o bastante para pagar pelas consequências de tentar estuprar alguém. Ele é jovem, mas já tem idade para saber o que é errado.

Como este foi seu primeiro crime, entendo o porquê da leniência. Por outro lado, como sociedade, não podemos perdoar o primeiro abuso sexual de todo mundo nem o estupro digital. Não faz sentido. A seriedade do estupro deve ficar evidente. Não deveríamos criar uma cultura que sugere que aprendamos que estupro é errado pelo método de tentativa e erro. As consequências de um abuso sexual precisam ser graves o bastante para que as pessoas tenham medo de tomar decisões erradas mesmo quando estiverem bêbadas, graves o bastante para serem preventivas.

A oficial levou em conta o fato de ele ter desistido de uma bolsa de estudos obtida com muito esforço. A velocidade com que Brock é capaz de nadar não diminui a gravidade do que aconteceu comigo e não deveria reduzir a severidade da punição aplicada. Se um criminoso de uma classe desprivilegiada fosse acusado de três crimes e só admitisse a responsabilidade por ter bebido, qual seria a sentença dele? O fato de Brock ser atleta de uma universidade particular não deveria ser visto como um direito à leniência, mas como uma oportunidade de demonstrar que abuso sexual é contra a lei, não importa qual seja a classe social.

A oficial do departamento de custódia declarou que este caso, quando comparado a outros crimes de natureza similar, pode ser considerado menos sério em razão do nível de embriaguez do acusado. A mim, pareceu sério. É só isso que vou dizer.

O que ele fez para demonstrar que merece esse desconto? Ele só pediu desculpas por beber e ainda não assumiu que o que fez comigo foi abuso sexual. Ele me revitimizou contínua e incansavelmente. Foi considerado culpado de três crimes graves e está na hora de aceitar as consequências de suas ações. Não será facilmente desculpado.

Ele vai ter o nome registrado no cadastro de criminosos sexuais para o resto da vida. Isso não expira. Assim como o que fez comigo não expira, não some depois de alguns anos. Esse fato vai continuar comigo, é parte da minha identidade, mudou para sempre o modo como ajo, como vou viver o resto da minha vida.

Para concluir, quero agradecer. A todos, da estagiária que fez mingau para mim quando acordei no hospital naquela manhã ao policial que esperou ao meu lado, às enfermeiras que me acalmaram, ao detetive que me ouviu e nunca me julgou, às defensoras que ficaram sempre ao meu lado, à minha terapeuta, que me ensinou a encontrar coragem na vulnerabilidade, à minha chefe, por ser carinhosa e compreensiva, aos meus pais incríveis, que me ensinaram a transformar dor em força, à minha avó, que trouxe chocolate escondido para mim no tribunal durante todo esse tempo, aos meus amigos, que me lembram como ser feliz, ao meu namorado, que é paciente e amoroso, à minha irmã insuperável, que é a outra metade do meu coração, à Alaleh, minha ídola, que lutou de maneira incansável e nunca duvidou de mim. Obrigada a todos os envolvidos neste julgamento pelo tempo e pela atenção. Obrigada às meninas de todo o país que escreveram cartões para que minha promotora me entregasse, a tantos desconhecidos que se importaram comigo.

Obrigada, sobretudo, aos dois homens que me salvaram, que ainda tenho que conhecer. Durmo com duas bicicletas que desenhei presas acima da cama para lembrar que existem heróis nesta história. Que estamos cuidando uns dos outros. Ter conhecido todas essas pessoas, ter sentido a proteção e o amor delas é algo que nunca vou esquecer.

E, por fim, às meninas de todo o mundo, eu estou com vocês. Nas noites em que se sentirem sozinhas, eu estou com vocês. Quando forem questionadas ou desmerecidas, eu estou com vocês. Lutei todos os dias por vocês. Então nunca parem de lutar, eu acredito em vocês. Como a escritora Anne Lamott escreveu: “Faróis não

percorrem a ilha em busca de barcos para salvar; apenas ficam parados, brilhando.” Apesar de não poder salvar todos os barcos, espero que, ao falar hoje, vocês tenham absorvido uma pequena quantidade de luz, uma pequena compreensão de que não podem ser caladas, uma pequena satisfação de que a justiça foi feita, uma pequena garantia de que estamos chegando a algum lugar e uma grande, enorme certeza de que vocês são importantes, sem dúvida alguma, vocês são intocáveis, vocês são lindas, vocês devem ser valorizadas, respeitadas, inegavelmente, a cada minuto de cada dia. Vocês são fortes e ninguém pode lhes tirar isso. Às meninas de todo o mundo, eu estou com vocês. Obrigada.

**ELA AINDA NÃO ERA CONHECIDA** pelo próprio nome quando surpreendeu milhões de pessoas com uma carta relatando o estupro que havia sofrido no campus da Universidade de Stanford. Publicada no BuzzFeed, a declaração da vítima foi vista por onze milhões de pessoas em apenas quatro dias, traduzida para diversos idiomas e lida no plenário do Congresso americano, inspirando mudanças na lei da Califórnia e a demissão do juiz do caso. Brock Turner, o acusado, foi condenado em 2016 a apenas seis meses de prisão depois de ser flagrado agredindo-a sexualmente. Milhares de pessoas escreveram para dizer que ela lhes dera a coragem de compartilhar experiências de agressão pela primeira vez.

Agora Chanel Miller reivindica a própria identidade para contar sua história. Embora tudo apontasse para a condenação de Turner — havia testemunhas, ele fugiu, provas físicas foram imediatamente coletadas —, restou para Chanel apenas a luta contra o isolamento e a vergonha. Sua história lança luz a uma cultura que protege os agressores e expõe um sistema de justiça criminal falho com os mais vulneráveis, mas mostra também a coragem necessária para lutar contra a opressão e atravessar o sofrimento.

Ao entrelaçar dor e resiliência em seu relato, Chanel Miller revela seu tumultuado processo de cura e desafia uma sociedade que tantas vezes permite o inaceitável e ajuda a perpetuar uma cultura que desencoraja as vítimas de buscarem justiça. Além de apresentar uma escritora extraordinária, *Eu tenho um nome* é uma obra capaz de transformar para sempre a maneira como enxergamos os casos de agressão sexual.

## **SAIBA MAIS:**

[www.intrinseca.com.br/livro/1026/](http://www.intrinseca.com.br/livro/1026/)